

Património Imaterial

Onde mora a alma de um povo

Um dos grandes desafios colocados ao mundo moderno é a necessidade e urgência da protecção do património cultural imaterial dos povos, que tende a ser aniquilado pelo fenómeno da globalização. Este fenómeno, que atravessa irremediavelmente todas as sociedades, tem vindo a causar, entre outros efeitos negativos, a extinção dos modos de vida locais e o desenraizamento das novas gerações em relação às suas referências culturais.



Rostos de histórias e memórias.

O que é então o património imaterial? Embora não haja estudos de natureza conceptual suficientemente aprofundados, é possível, à partida, admitir como definição elementar todo o conjunto de manifestações e expressões de natureza intangível

que têm a memória oral como meio de preservação e de transmissão. Engloba, por isso, não só o campo "esmigalhado" da literatura popular de tradição oral (lendas, mitos, contos populares, romanceiros, cancioneros, quadras, autos popula-

res, excelências, parémias, apodos, adivinhas, rimas infantis, orações, rezas, responsos, fórmulas de superstições e de mezinhas, encantos, pragas e maldições, agouros ou profecias, orações com escárnio, galanteios, pregões, chamamentos de animais...), como também todo o universo de saberes e vivências da cosmogonia popular, tais como os falares regionais, os ritos e as festas, os jogos, as danças, os saberes do artesanato, da culinária e dos trabalhos rurais e marítimos, a mitologia popular, a etiologia dos lugares de memória, etc..

Difere, pois, da cultura material pela natureza dos seus suportes, uma vez que esta se sustenta, fundamentalmente, na estrutura física das obras de arte, dos monumentos, das ruínas, das paisagens, de algumas aldeias, algumas cidades, etc..

O património imaterial, por sua vez, por sustentar-se em suportes extremamente frágeis que a sociedade moderna e a Globalização põem permanentemente em causa, está em risco de perder-se. Aliás, uma parte significativa ter-se-á já perdido com a extinção dos respectivos contextos, associados à vivência rural: perderam-se muitas peças do romanceiro e do cancionero porque se extinguíram muitos trabalhos agrários como segadas, desfolhadas, malhadas, rogas, pastoreio; perderam-se muitos contos e lendas porque se extinguíram os fiandeiros e quase já os serões à lareira; perdem-se as fórmulas de rezas,

mezinhas, superstições e agouros porque se vão extinguindo muitas práticas esotéricas de cariz popular, especialmente os rituais associados à medicina popular; perdem-se também os textos de muitas orações populares por força da extinção dos antigos rituais de morte e da adopção de novas práticas civilizacionais relacionadas com a doença e outras obsessões íntimas; entretanto, vão-se perdendo apodos, ditos e pragas porque se extinguem tradições e trabalhos rurais como matanças do porco, lagaradas, torna-geiras, etc..

Em Portugal, porque são diversificados os seus espaços etno-geográficos, há regiões que, praticamente, perderam já as suas referências culturais tradicionais. Assim acontece, em especial, com as grandes metrópoles. Por outro lado, noutras regiões, como é o caso de Trás-os-Montes e Alto Douro, é ainda possível achar um razoável grau de consistência em matéria de literatura oral tradicional e de outros bens culturais imateriais, por força da manutenção de alguns contextos e “habitats” tradicionais. É imperioso, contudo, reconhecer a iminência da sua extinção, com a alteração gradual do modo de vida local e o desaparecimento de certos trabalhos agrários e de outros cenários da tradição rural onde os textos se reproduziam e reelaboravam.

Às sociedades modernas cabe, então, encontrar meios para resgatar, reutilizar e preservar todos estes bens. E a recolha e publicação, em livro, de tal património não pode ser uma solução definitiva, como alguns desejam. Nas páginas de um livro os textos tendem a cristalizar. O livro deverá, por isso, ser apenas um último recurso. E sempre um recurso provisório, Aliás, alguns dos mais belos textos



Mitologia da paisagem.

da literatura oral tradicional, como é o caso dos que compõem os romances, só ganham mesmo sentido na oralidade.


De preferência, devem ser preservados ou repostos (em etno-museus e eco-museus, por exemplo) alguns cenários tradicionais que possam constituir-se como espaços de interpretação, para as novas gerações, daquilo que é a cultura mais genuína do seu povo.

Ao serem proclamados pela UNESCO como “obras-mestras” da humanidade (como tem acontecido em muitos países), os patrimónios imateriais ganham, obviamente, uma nova “energia” com implicações positivas na sua preservação e dignificação. A aquisição de tal estatuto não é, todavia, determinante. Determinante é a adopção pelos países de medidas legais e administrativas de protecção do património imaterial, que tenham efeitos quer na criação e enriquecimento de etno-museus ou eco-museus, quer na realização de inventários regionais e no fomento de estudos interpretativos deste património.

Afinal, está em jogo a memória e a identidade de um povo. Se ficarmos de braços cruzados, as futuras gerações, ao confrontarem-se com a



Sr.ª Cândida junto ao túmulo do conde de Ariães.

necessidade de um retorno ao aconchego das suas identidades, poderão acusar-nos de não ter tido o devido cuidado em preservar as suas referências culturais. Ou seja, culpar-nos de ter rompido o fio da memória que os liga às suas raízes. 

ALEXANDRE PARAFITA,
Escritor, Doutor em Cultura Portuguesa,
Centro de Tradições Populares Portuguesas
da Universidade de Lisboa